

Sophia de Mello Breyner Andresen

O NOME DAS COISAS

prefácio de
Fernando Cabral Martins

ASSÍRIO & ALVIM



Sophia de Mello Breyner Andresen fotografada por João Cutileiro

O NOME POESIA

1. A ideia mais persistente nas poéticas ocidentais é a de que um texto tem vida própria, e que aparece feito, por assim dizer, na cabeça do autor. Tudo o que este tem de fazer é partir da primeira frase, daquela que lhe apareceu vinda do nada. E, depois, desdobrar esse fio. O texto surge inteiro e mais ou menos puro, como um minério. Há uma arte poética de Sophia que o diz deste modo: «Deixar que o poema se diga por si, sem intervenção minha (ou sem intervenção que eu veja), como quem segue um ditado (que ora é mais nítido, ora mais confuso), é a minha maneira de escrever»¹. Esta poética da inspiração não é, no entanto, a replicação romântica da emotividade transbordante. Nem é uma poética coerente com o automatismo surrealista. É um pouco mais complexa.

Num poema deste livro, chamado «Liberdade», palavra que liga ao debate da democracia (estamos em 1975) a questão poética, pode ler-se que «O poema é / A liberdade». Pode mesmo pensar-se que a liberdade é a matéria de que a vida é feita, que é o outro nome da energia vital. De todo o modo, no caso da poesia, a liberdade não corresponde (tal como em política) a um exercício de espontanei-

¹ Sophia de Mello Breyner Andresen, *Obra Poética* (2010), 3.ª ed., Lisboa, Assírio & Alvim, 2015.

dade sem limites, que desconecte a discriminação racional. Lê-se a seguir: «Um poema não se programa / Porém a disciplina / — Sílabas a sílabas — / O acompanha». Trata-se de disciplinar a liberdade? Eis o que conduz a uma conclusão paradoxal: «Sílabas por sílabas / O poema emerge / — Como se os deuses o dessem / O fazemos».

Esta ideia de uma dádiva dos deuses que coincide com o trabalho do texto é como uma síntese de todas as poéticas. Sophia integra o paradoxo no cerne do seu entendimento. E faz uma afirmação de síntese que só a célebre frase de Píndaro, «A raça dos deuses e dos homens é uma só», justifica. O poeta escutador e o poeta fingidor tornam-se um e o mesmo.

2. Cada grande poeta coloca a questão da poesia, e responde-lhe porque, precisamente, a coloca. Cada grande poeta cria a sua poesia, reformula aquilo a que se chama poesia, faz poesia de outra maneira. Cinatti cria uma imagem que logo ganha uma energia inesperada, cintilante. Nemésio parece situar-se no interior das palavras, caminhar no fio da linguagem, e a sua arte é a de contar o que se vê nessa gruta em cujas paredes se desenha o mundo. Cesário faz pequenos vídeos quase-narrativos com uma banda sonora sumptuosa. Sá-Carneiro compõe imagens onde antes havia apenas uma poeira de palavras lidas, e faz com que essas imagens pareçam ganhar vida própria, sangue a correr, textura quase tátil.

Quanto a Sophia, ela parece, primeiro, que segue a eufonia das palavras, a regularidade do seu enquadramento

GRÉCIA 72

De novo os Persas recuarão para os confins do seu império
Afundados em distância confundidos com o vento
De novo o dia será liso sobre a orla do mar
Nada encobrirá a pura manhã da imanência

SOROR MARIANA — BEJA

Cortaram os trigos. Agora
A minha solidão vê-se melhor

COMO O RUMOR

Como o rumor do mar dentro de um búzio
O divino sussurra no universo
Algo emerge: primordial projecto

SUA BELEZA

Sua beleza é total
Tem a nítida esquadria de um Mantegna
Porém como um Picasso de repente
Desloca o visual

Seu torso lembra o respirar da vela
Seu corpo é solar e frontal
Sua beleza à força de ser bela
Promete mais do que prazer
Promete um mundo mais inteiro e mais real
Como pátria do ser